

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID

Maria Luisa Peclat ¹

Alexandra Pena ²

RESUMO

A vivência na Educação Infantil evidencia a importância do brincar, das interações e das experiências significativas como fundamentos essenciais para o desenvolvimento integral da criança. Dessa maneira, a experiência formativa vivenciada durante a atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na alfabetização, vem sendo realizada em uma escola da rede pública do município, e contribuindo para o acompanhamento das práticas pedagógicas a partir de um novo olhar: o de professora em formação. A prática é supervisionada pela professora da turma acompanhada e orientada por uma professora do Departamento de Educação da universidade, com apoio teórico-metodológico do material do Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil/LEEI (Brasil, 2016). A construção de práticas significativas de linguagem escrita, como o uso dos nomes próprios em atividades lúdicas, demonstrou crescimento na abordagem pedagógica da professora regente e no envolvimento das crianças. Ao longo do processo, são observadas práticas positivas, como a presença diária da literatura, extremamente relevante para o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil. Além disso, também são identificadas outras práticas, como a rigidez na correção da escrita e o uso da lógica de recompensa, que podem reforçar visões excludentes sobre a aprendizagem, indo na contramão das concepções de criança e de leitura e escrita na Educação Infantil presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e na Coleção do LEEI (Brasil, 2016). A formação continuada da professora tem se constituído como um aspecto decisivo para a transformação da sua prática, o que tem sido possível a partir da troca com as bolsistas do PIBID, uma vez que é, por meio da escuta e do respeito ao tempo das crianças, que se constrói um trabalho comprometido com a alfabetização como prática social desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, PIBID, leitura e escrita, alfabetização, formação docente.

INTRODUÇÃO

O brincar, as interações e as experiências significativas formam os fundamentos essenciais para o desenvolvimento integral da criança, conforme indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e as concepções do Projeto *Leitura e Escrita na Educação Infantil* – LEEI (Brasil, 2016). A literatura especializada em alfabetização na infância defende que a apropriação da linguagem escrita se dá em contextos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, mluisapeclat@gmail.com;

² Professora orientadora: Coordenadora do Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, alexandrapena@puc-rio.br

de vivência social, permeados por brincadeiras, diálogo e escuta atenta ao tempo da criança. Nessa perspectiva, o presente artigo relata a experiência vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizada em uma escola pública municipal, com foco no acompanhamento e na análise de práticas pedagógicas voltadas à alfabetização.

O estudo tem como objetivo compreender como a inserção de brincadeiras e a formação continuada de professores podem potencializar a alfabetização como prática social, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem escrita desde a Educação Infantil. A justificativa surge da necessidade de refletir criticamente sobre as práticas docentes, fortalecendo o papel da formação inicial e continuada para uma pedagogia alinhada ao respeito e à singularidade de cada criança.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e formativo, baseada na observação participante durante as ações do PIBID. A prática foi supervisionada pela professora regente e orientada por docente do Departamento de Educação da universidade, com suporte teórico-metodológico da Coleção LEEI. As atividades observadas incluíram propostas lúdicas com nomes próprios, mediação da literatura infantil e acompanhamento da rotina da turma.

Os resultados evidenciaram avanços significativos, como o maior envolvimento das crianças nas práticas de leitura e escrita e a ampliação da abordagem pedagógica da professora regente, que passou a incorporar a literatura de forma cotidiana. Entretanto, também foram identificados limites, como a rigidez na correção da escrita e o uso de recompensas, práticas que podem reforçar perspectivas excludentes de aprendizagem.

Conclui-se que a formação continuada da docente, fortalecida pelo diálogo com as bolsistas do PIBID, que transitam também por outras instituições escolares com a supervisão de outros professores, tem sido decisiva para a transformação das práticas de alfabetização, apontando para a importância de uma ação pedagógica que valorize a escuta, o tempo da criança e o brincar como eixo estruturante do processo de apropriação da linguagem escrita.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e formativo, fundamentada na perspectiva do campo como elemento constitutivo da construção do conhecimento. O estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de





Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola da rede pública municipal, com foco nas práticas de alfabetização na Educação Infantil das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Os instrumentos de coleta de dados compreenderam:

- **Observação participante**, com registros em diário de campo, possibilitando a descrição minuciosa de rotinas, interações e atividades pedagógicas;
- **Registros fotográficos** de espaços e materiais, utilizados apenas como recurso de análise interna, com a devida autorização da instituição, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990)
- **Conversas informais e escuta** com a professora regente, orientadora do PIBID e demais membros da equipe escolar, sem caráter de entrevista estruturada, mas fundamentais para compreender o contexto e as intencionalidades pedagógicas;
- **Reuniões quinzenais** para o compartilhamento das experiências nas três escolas que são acompanhadas pelas bolsistas no PIBID.

A análise dos registros da pesquisa foi conduzida a partir das concepções de alfabetização construídas coletivamente ao longo das experiências formativas no PIBID, com respaldo teórico nos materiais e discussões mediadas pela professora orientadora. As oficinas, as práticas em sala e as reflexões realizadas durante os encontros do grupo foram fundamentais para a consolidação dessas concepções, permitindo observar e compreender como o uso de atividades lúdicas, de leitura e de escrita se articula às práticas e concepções do Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil – LEEI (Brasil, 2016).

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo das contribuições de Maurice Tardif (2013), compreende-se que a formação docente é um processo histórico e contínuo, no qual o ensino evolui de um ofício vocacional para uma profissão intelectual e reflexiva. Para o autor, a profissionalização do ensino vem do reconhecimento do professor como sujeito que produz saberes a partir da prática, articulando a experiência com o conhecimento científico. Essa concepção dialoga diretamente com o PIBID, que possibilita a construção do docente visando a reflexão, a observação e no diálogo entre teoria e prática.

No que diz respeito à alfabetização, a leitura e a escrita na Educação Infantil, as reflexões de Patrícia Corsino (2021) e Mônica Baptista (2010) reforçam que alfabetizar não é aplicar métodos ou receitas prontas, mas garantir o direito das crianças de viverem experiências significativas com a linguagem. Corsino destaca que a alfabetização precisa



respeitar o ritmo e o interesse das crianças, integrando-se às brincadeiras, às conversas e ao cotidiano. Baptista, por sua vez, enfatiza que o direito à linguagem escrita na primeira infância está ligado ao reconhecimento das crianças como sujeitos culturais e produtores de sentidos. Assim, o trabalho pedagógico deve ser de promover o acesso às formas de leitura do e no mundo, tornando o aprender a ler e a escrever um processo prazeroso.

Por fim, as discussões trazidas por Sonia Kramer (2012) em ““Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar”: as crianças, as professoras e o currículo” contribuem para problematizar a permanência de práticas conservadoras e autoritárias ainda presentes nas instituições de Educação Infantil. Kramer convida à reflexão sobre que tipo de prática social e de infância está sendo construída quando o ensino se ancora em modelos rígidos, pouco dialógicos e distantes das experiências reais das crianças.

Desse modo, este referencial teórico sustenta a idéia de construir uma escola que reconhece as crianças como protagonistas de sua aprendizagem e os professores como profissionais reflexivos, críticos e comprometidos com a transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros e reflexões produzidas ao longo das vivências no PIBID permitiu a construção de três eixos principais de resultados, que mostram desafios e aprendizados observados nas práticas pedagógicas das escolas parceiras. Esses eixos buscam entender como a formação continuada dos professores, a introdução da leitura e da escrita na Educação Infantil e a permanência de práticas tradicionais refletem concepções de alfabetização e de infância que estão presentes no cotidiano escolar.

1. Formação continuada

As formações e oficinas desenvolvidas ao longo do projeto mostraram que a formação continuada não se resume à atualização de métodos, mas é um processo de construção identitária e profissional que se dá no cotidiano da escola, nas trocas e nas experiências. No entanto, observou-se que nem sempre essas formações resultam em transformações efetivas nas práticas pedagógicas, o que evidencia a necessidade de um acompanhamento mais reflexivo e colaborativo.

Nesse sentido, Maurice Tardif (2013) ajuda a compreender a importância da formação docente quando estuda a trajetória do ensino: de uma atividade entendida como vocação,

passando pela idade do ofício, até chegar à busca pelo ofício da profissão, que requer uma formação universitária sólida e de alto nível intelectual. Para o autor, a profissionalização docente deve reconhecer o professor como um intelectual que produz saberes a partir de uma prática e que precisa de condições para aprimorar seu trabalho.

No espaço do PIBID, isso se manifesta na prática docente que está constantemente transversalizada pela interação entre o seu saber teórico e a real vivência e as situações vividas no cotidiano escolar. Um lugar onde o professor vai aprender de forma mútua com o seu aluno, assim, mais do que atualizar métodos, a formação continuada se faz como um processo de reconstrução profissional e humana.

Ao longo das vivências no programa, em concordância com o que vem sendo exposto, foi possível observar e vivenciar momentos em que a prática e a aprendizagem mútua se mostram de forma significativa. Enquanto bolsistas, tivemos a oportunidade de levar para a sala de aula os conhecimentos construídos na teoria e nas leituras realizadas, experimentando como esses saberes se mostram nas realidades do cotidiano escolar. No entanto, aprendemos também que nem sempre o planejamento ocorre como previsto, exigindo a capacidade de adaptação diante dos desafios que surgem. Um exemplo disso foi quando planejamos juntamente com a professora uma visita cultural para a realização de um piquenique literário no Planetário próximo à instituição e, por falta de autorizações, precisamos reorganizar a proposta dentro do espaço da própria escola. Ainda assim, conseguimos preservar a essência da atividade, criando um momento de troca de histórias, leituras e vivências literárias de maneira criativa e envolvente.

2. Leitura e escrita na Educação Infantil

As observações nas turmas da Educação Infantil evidenciaram que a leitura e a escrita devem ser abordadas de maneira leve, cotidiana e significativa, sempre articuladas ao brincar, às interações e à curiosidade das crianças. A alfabetização, nesse sentido, não se torna uma etapa de escolarização adiantada, mas uma experiência de linguagem viva e contextualizada.

Patrícia Corsino reforça que a alfabetização “não tem receita, mas tem princípios” e esses princípios se relacionam à escuta das crianças, ao respeito por seus ritmos e à valorização de situações de leitura e escrita com sentido social. Já Mônica Baptista defende o direito das crianças pequenas ao contato com a linguagem escrita como parte de seu direito à educação, compreendendo que o acesso à escrita é também um acesso à cultura e à participação social.





Assim, o brincar com as palavras, as cantigas e as narrativas são como caminhos de inserção da criança no mundo letrado, reafirmando o compromisso da Educação Infantil com o desenvolvimento integral e com o prazer de aprender.

Práticas que mostraram ou auxiliaram o processo de leitura e a escrita no cotidiano das crianças no PIBID, foram, por exemplo, a oficina de música realizada que proporcionaram a nós, bolsistas, práticas significativas que puderam ser levadas às crianças, fortalecendo o vínculo entre brincadeiras e aprendizagem. Essa experiência fez repensar o papel da música no cotidiano da sala de aula e como ela pode transformar momentos rotineiros em oportunidades de aprendizagem cotidiana. No início da trajetória no programa, foi vivenciada também uma situação em que, a partir de uma prática mais rígida, foi buscado incluir uma abordagem mais lúdica: a turma utilizava da melodia do “pampampamrampam pam pam” para conquistar o silêncio. Refletindo sobre o contexto em que a turma estava, de aprendizagem das vogais, propus integrar esse conteúdo à prática das crianças. Assim, transformamos a rotina em um momento de aprendizado divertido: a professora ou um aluno iniciava o canto e as demais crianças respondiam com a vogal correspondente, como “pepeperepe” e o grupo repetia “pe pe”. Dessa forma, o que antes era apenas uma estratégia de disciplina passou a ser também um recurso que uniu ritmo, linguagem e participação ativa.

3. Práticas tradicionais e o papel da escola

A experiência também revelou que práticas conservadoras ainda persistem em muitos contextos escolares, baseadas na rigidez, na correção e na lógica de recompensa. Essas práticas, embora às vezes funcionem, em termos de controle, distanciam a escola de seu papel de formação humana e crítica.

A leitura do artigo “Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar” de Kramer (2012) oferece um olhar sensível para essa reflexão. Kramer (2012) destaca que o grito, literal e simbólico, é resultado de uma escola que não escuta, que silencia as crianças e as professoras, e que transforma o cotidiano em repetição e desgaste.

A observação das práticas revelou que, quando o brincar e a escuta são substituídos pela pressa e pelo controle, perde-se o sentido educativo do trabalho. No entanto, também se percebe o potencial transformador da formação quando há espaço para o diálogo e o reconhecimento das professoras como sujeitos de saber.

Com base nas concepções sobre as práticas tradicionais e uma educação voltada à real participação das crianças, foi possível observar, durante o campo do PIBID, duas narrativas

distintas nas práticas de duas das professoras acompanhadas. Ambas apresentavam semelhanças no que se refere a métodos mais conservadores, marcados pelo controle excessivo do comportamento das crianças, pela exigência constante de silêncio, inclusive durante os momentos de leitura, e pelo uso frequente de repreensões e recompensas. Práticas, ainda que bem-intencionadas, acabam limitando a autonomia e a autoconfiança das crianças.

O que diferenciou essas duas professoras, entretanto, foi a abertura à mudança. O espaço de trocas e reflexões proporcionado pelo PIBID possibilitou que uma delas repensasse sua prática e passasse a adotar estratégias mais participativas, alinhadas a uma concepção de criança ativa, curiosa e protagonista de sua aprendizagem. Já a outra docente manteve-se mais resistente a essas transformações, o que, em certa medida, também inibiu a atuação das bolsistas na proposta de novas metodologias voltadas ao trabalho com leitura e escrita.

Os resultados apontam que o desafio da formação docente e da transformação das práticas não reside apenas na oferta de cursos ou oficinas, mas na construção de espaços de escuta, diálogo e coautoria entre professores, bolsistas e coordenação. Assim, reafirma-se que a formação continuada e as práticas de alfabetização na Educação Infantil devem estar comprometidas com o desenvolvimento integral da criança e com uma pedagogia que valorize a experiência, a cultura e o brincar como caminhos legítimos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho reafirma a relevância do PIBID como espaço formativo essencial para a constituição docente. A inserção no cotidiano da escola pública permitiu compreender que a prática pedagógica é construída em movimento, entre acertos e desafios, e que o aprendizado se dá tanto na observação quanto na ação compartilhada com as professoras e as crianças. A vivência possibilitou reconhecer que a docência não se resume à aplicação de métodos, mas envolve sensibilidade, escuta e constante reflexão sobre o papel social da escola e do professor.

Os resultados apontam que a transformação das práticas pedagógicas não ocorre de maneira imediata, mas exige tempo, diálogo e disposição para mudança, tanto por parte das docentes quanto das bolsistas. A formação inicial, quando aliada à formação continuada, cria pontes entre teoria e prática, permitindo a construção de um saber docente que é coletivo, crítico e comprometido com o direito das crianças de aprender em contextos significativos e humanizados.



Ao nos aproximarmos do encerramento deste ciclo no PIBID e prestes a vivenciar a próxima etapa, voltada ao Ensino Fundamental nos anos iniciais, surge um sentimento de expectativa e entusiasmo. A nova fase representa não apenas um novo campo de observação, mas também uma ampliação das possibilidades de atuação e reflexão sobre as práticas de alfabetização e letramento em diferentes contextos. Espera-se que as aprendizagens construídas na Educação Infantil sirvam para um olhar mais sensível, criativo e crítico.

Por fim, o PIBID se mostra como uma oportunidade única de inserção e construção da identidade docente no âmbito escolar. Ele possibilita o contato real com as complexidades da sala de aula, a articulação entre o conhecimento teórico e o vivido, e o desenvolvimento de uma postura investigativa e reflexiva diante dos desafios da educação pública brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, minha mãe Maria e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho. Em especial, à minha professora orientadora, Alexandra Pena, pelo apoio, pelas correções e pelo incentivo constante à pesquisa e ao pensamento crítico, principalmente no campo do PIBID. Agradeço também às minhas colegas bolsistas, pelas trocas de idéias e pelo trabalho em equipe iniciado a mais de um ano, que enriqueceram e enriquecem minha aprendizagem em cada reunião. Aos meus pais e irmãos, que apesar de todas as dificuldades, me apoiaram em cada momento, aos meus amigos, por toda a ajuda e apoio durante este período da minha formação acadêmica. Por fim, reconheço os materiais consultados, fundamentais para a construção deste artigo.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. *A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil*. 9 v. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 18 dez. 2009. p. 18.



BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

CORSINO, Patrícia. **Alfabetização não tem receita, mas tem princípios**. p. 3. 2021.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; BAPTISTA, Mônica Correia; CORSINO, Patrícia. PROJETO LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 19, p. 1–16, 2023.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 124, p. 551-571, abr./jun. 2013.

KRAMER, Sonia. **Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões**. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia. **Eu não estudei tanto tempo para agora me acostumar a gritar: a crianças, as professoras e o currículo**. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; VILELA, Rita Amélia; SALES, Shirlei Rezende. (org.). Desafios contemporâneos sobre o currículo e a escola básica. 1 ed. Curitiba: CRV, 2012, v.1, p.39-51.